

Cheiro de Azul

Oi, salve Borô!

Era sempre essa a forma pela qual Jerry, e todos os habitués saudavam o dono do boteco da praia, todas as tardes ou começos de noite. Borôdin, o Borô, era um caboclo, aquela mistura de raças brasileiras. Indefinido em sua cor de canela, com muito sangue índio, negro e branco sabe-se lá de onde. Há que se perguntar por que então Borôdin. O boteco, daqueles típicos de praias brasileiras, tinha um quiosque com bancos altos para os solitários ou paqueradores no balcão e algumas mesas espalhadas, de cimento, firmemente presas ao solo, que se confundiam com os bancos das bibocas vizinhas, vendedores de água de côco, sorvete, churros, pipocas e tantas outras coisas que ajudam a engordar e embebedar os incautos. Pois o nome do botequim era Bar Sibéria, que o proprietário anterior colocara certamente para estabelecer o paradoxo do frio da Sibéria com o calor escaldante quase permanente da praia. Quando Dizimar Olegário, o Borôdin, vindo das praias cearenses onde nascera, comprou o dito “estabelecimento”, como ele se referia, já faz tantos anos, alguém achou que o gaiato deveria ter um apelido russo, porque dirigia uma Sibéria, e sabe-se lá porque pegou o de Borôdin, talvez porque lera algo desse escritor. De Borôdin, que nada tinha de brasileiro, para Borô foi um passo. Poucos ou mesmo ninguém sabia seu verdadeiro nome, nem mesmo que o apelido originário era outro. Borô tinha o quiosque, ou barraca como dizia o vulgo, com os pastéis mais famosos da praia e preparava as imbatíveis caipirinhas de frutas, maracujá a mais famosa, que ele chamava de “tiro curto”.

Durante o dia, por volta das 10 horas, nos dias de sol, ou até antes, durante a semana, apareciam os praiheiros cotidianos. Algumas mães com crianças para tomar sol na praia e na passagem compravam aquelas guloseimas que nunca enchem a barriga dos infantes, mas acalmam os ouvidos dos adultos. Borô não chegava antes das 3 da tarde. Até lá quem cuidava do local era a Geraldona, no peso dos seus mais de cem quilos, sua tia importada de Quixadá. Os habitués, como o Jerry, chegavam sós no final da tarde, para jogar muita conversa fora e muita cerveja adentro e ver libidinosamente a mulatas e outras não tão mulatas que invariavelmente circulavam por ali. Nos finais de semana grupos de jovens da capital rodeavam o lugar. Nas sextas e sábados a roda de samba, pagode para os mais novos, começava por ali, em torno das vinte horas, sem hora para acabar, sob a chefia do mestre gaiteiro Zuim Ribamar, a ave canora do Maranhão, onde metade da população é Ribamar.

Jerry era um freqüentador típico, ou talvez atípico, numa cidade que abrigava muitos aposentados como ele, ou não tanto como ele, ou em situação pior que a dele. Na verdade, Jerry, que fora o Dr. João Carlos Mântova, para efeitos formais, após cerca de quarenta anos trabalhando em empresas e escritórios ligados ao mercado de capitais, sempre conhecido como Jerry, desde os tempos de goleiro no time da faculdade, estava naquela cidade praiana havia somente cerca de dois anos. Vivera brevemente aquele conflito íntimo normal para definir o momento de parar. Jerry se aposentara, ao menos de suas atividades normais, prematuramente aos 65 anos. Mas chegou ao ponto de intolerância ou enfado que se chega mais cedo ou mais tarde em todas as carreiras. E para Jerry não houve ameaças ou titubeios. Já vinha pensando fazia tempo em largar tudo e mudar de vida. Sair daquela pressão de horários, trânsito, reuniões chatas, almoços de negócio, conferências, gravatas, gravatas, gravatas. Quando quebrou o maior pau com seus sócios no escritório, que fundara trinta anos atrás, sobre a admissão de novos associados, limpou suas gavetas e pronto. Chega. Nunca iria admitir os nomes que estavam sendo indicados. Fedelhos sem competência, presunçosos, arrivistas e não confiáveis. Foi embora, no respaldo de seu patrimônio que, se não era de um rico, era de alguém que poderia viver com tranqüilidade. Não houve ameaças ou uma série de despedidas, como fizeram Frank Sinatra e Sílvio Caldas que se despediram dezenas de vezes, nem como Romário, que se despedira do estrelato fazia tantos anos, mas insistia em jogar futebol, como um fantasma de si mesmo, aos quarenta anos de idade. Sair dessa forma ridícula nunca Jerry desejou, em situação que ele somente imaginava, mas nunca concebera fazê-lo efetivamente, em pleno esplendor de atividade, com máxima capacidade de trabalho, como um dos melhores expoentes do mercado financeiro. Não faltaram pedidos de “fique”, além de convites para dar assessoria a várias instituições. Jerry resolveu ir mesmo. Sair de São Paulo, cidade complicada, ir para lugar mais calmo. Somente ele e o computador. Com isso pôde aceitar o cargo de assessor de alguns

investidores, o que ainda lhe renderia bons trocados. Nem mesmo aceitou os famosos e chatérrimos jantares de despedida.

“Vai se sentir muito só”, diziam os amigos.

Só. Isso já era algo com o que convivia fazia tempo. Sua esposa falecera há mais de dez anos. Desde então só tivera relacionamentos fugazes, pois mulher alguma como companheira constante lhe interessava. Seus dois filhos adultos, cada um morando em uma cidade distante. Na sua idade o sexo já era circunstancial. Uma questão de oportunidade e conveniência como ele dizia. Dois netos, mas somente os via em dias festivos, duas ou três vezes por ano. Já fazia mais de dez anos que só representava estar no escritório com colegas, mas não com amigos, jantares de negócios com interessados em tudo menos amizade. E mulheres interessadas em um encosto, nada mais.

Logo que se mudou para o apartamento na praia, recebeu uma ligação de Lúcio, seu primogênito, que se mantinha sempre em contato:

“Oi pai, liguei lá no escritório e eles disseram que você estava aí. O que houve, férias fora de época?”

“Férias para sempre meu caro. Dei um chute no pé da barraca. Me aposentei!”

“Sabia que isso estava por acontecer, pelo que conversamos ultimamente. “Vai ficar aí ou só por algum tempo?””.

“A idéia é ficar por aqui, mas só Deus sabe”. “Vou ficar trabalhando *on line* para alguns clientes”.

“Era isso que você queria mesmo fazer ultimamente. Precisa de alguma coisa?”

“Não, nada, não se preocupe”. *“Ah! Mas como precisava, pensou. Precisava de tanto, tanto do que você não pode mais dar. Precisava rever o seu sorriso inocente da infância. Seu abraço terno com o grito de Papai, quando chegava. A disputa para ver quem me conseguia abraçar primeiro, você ou o Ronaldo. Precisava de novo ouvir suas rusgas com o irmão e os dois por fim indo dormir em minha cama, ouvindo histórias, sob os falsos protestos da mamãe. Precisava ver de novo vocês dois sendo vestidos com carinho pela Lu, sua mãe. Precisava do apoio da Lu e de sua presença. Ah se você pudesse me trazer tudo isso de volta...”*

“Não preciso de nada não. Estou já me ajeitando por aqui”, Jerry falou por fim.

“Eu estranhei você ter ido parar aí, você não ia desde que mamãe morreu”.

“Eu não vinha desde quando vocês se desligaram da juventude e adolescência, se tornaram homens, cada um com sua vida”.

“Mas vou ficar por aqui por enquanto”.

“Olha pai, vou visitar você com as crianças em um final de semana”. Elas vão gostar de rever a praia. Saímos aqui de Brasília numa sexta, e voltamos no domingo, ok?”

Fazia cerca de dez anos que Lúcio morava em Brasília. Desde que passara no concurso e assumira o cargo de Promotor de Justiça do Distrito Federal. Casara-se por lá. Com uma colega. Mas um casamento confuso que Jerry nunca entendeu. Já estavam separados fazia cinco anos. Os dois meninos com a mãe, por decisão judicial... Mas ficavam mais com o pai... Iria trazê-los um final de semana! Mais uma odisséia para tirá-los de Brasília com a oposição da mãe.

“Oi pai. Você já falou para o Ronaldo da novidade?”

“Mande um e-mail para ele, mas não sei se leu. Deve estar fora de Los Angeles”.

Ronaldo era o filho mais velho. Aventureiro como sempre. Tocava em uma banda brasileira nos Estados Unidos para onde fora há muito tempo, após correr a Europa e se apresentar em navios de cruzeiro. Nascera músico. Não tinha como fazer outra coisa. Desde os dezesseis anos estava nessa vida. Gostava de tocar sax, mas se dava bem em qualquer instrumento de sopro, também no violão e no teclado. Com seis anos já tocava gaita de boca sem nunca ter sido ensinado. Quantas vezes Jerry não teve que mandar dólares para tirá-lo de alguma dificuldade. Para Londres, Amsterdam, até Moscou. Nos últimos anos fazia certo sucesso nos EUA com a “*Brazilian Aces*”, grupo brasileiro que passou a ser muito requisitado por lá, até para alguns filmes. Por isso, fixara-se em Los Angeles, mais especificamente em Pasadena, mas rodava por todo o país. Já tinha dois cds gravados que Jerry ouvia quase todos os dias. Falar com ele mesmo, talvez uma vez por mês, se tanto. Ou por e-mail, mas a resposta poderia demorar dias. Ele nunca tinha tempo para teclar numa conversa on line.

Jerry, porém, estava na praia, nessa nova fase de sua vida fazia dois anos. Nesse período os netos, dois meninos de sete e nove anos, foram um final de semana. Ficaram curiosos e excitados ao encontrar numa gaveta alguns brinquedos ainda do pai e do tio que lá ficaram por duas décadas. Soldadinhos, miniaturas de autos. Para eles foi um encontro. A mágica do encontro de gerações.

Encontrou-se também com Ronaldo rapidamente no Rio de Janeiro, no bar do hotel em que estava hospedado, quando os “*Brazilian Aces*” vieram para acompanhar uma jovem cantora de jazz jamaicana, com muita badalação da imprensa.

Fora essas fugazes interrupções, a rotina de Jerry não se alterava. Após o exame das cotações da bolsa e resposta a alguns e-mails, uma “siesta”. No final da tarde, uma caminhada para justificar algum exercício físico a seu médico e a visita ao bar do Borô. Invariavelmente.

“Oi Borô! Você viu a Gina por aí?”

Gina era a bola da vez. Morena, alta esguia. Logo chamara a atenção de Jerry quando a conhecera logo que se estabelecera na praia. Passou a ser sua companhia, embora nunca pudesse afirmar que tivessem convivido. Na juventude dos seus vinte e oito anos, Gina, na verdade Giorgina, era uma típica praieira. Fazia surfe nos finais da tarde e sempre terminava no bar do Borô. A atração foi imediata. Jerry adorou seu corpo perfeito, sua cor quase mulata, seus quase um metro e oitenta de altura, sua voz tranqüila. Gina, por sua vez, adorou encontrar um homem mais velho que lhe podia proporcionar tudo que com seu próprio trabalho nunca conseguiria... Jerry nunca soube se havia algum outro sentimento por detrás disso, mas também nunca se preocupou. O fato é que acabara se acostumando a Gina, seu sorriso, seu calor nos lençóis, sua juventude. Não acreditava estar apaixonado, mas Borô e o pessoal do Sibéria tinham certeza disso: pela forma que tratava a moça, pelo carinho do olhar. “Paixão de velho é fogo”, dizia o filósofo Borô.

Borô sabia que Gina estava muito ligada aos rapagões do surfe, jovens que passavam a maior parte do dia na praia, embora dissessem que trabalhavam. Um loirão especialmente acompanhava Gina em seus folguedos sobre as ondas... e fora delas, longe dos olhos lânguidos de Jerry...

“Não vi a garota, não. Ela falou com você nestes dias?”. Borô estava sendo cuidadoso com as palavras.

“Faz três dias que não vejo a guria. O celular dela só dá caixa postal”.

“Ligou para a loja de surfe?”, perguntou com cautela Borô.

Gina trabalhava nas tardes numa loja de artigos para surfistas, no outro lado da orla.

“O gerente disse que ela não tem aparecido lá também...”

Borô ia ter que dizer, ainda porque o pessoal do surfe passaria por lá em alguns instantes, pois começava a escurecer... *Como dizer, pensou...*

“Pensei que ela lhe tinha dito... Viajou!”

“Como viajou, porra! Para onde !?” Berrou. Poucas vezes Borô viu o Jerry se alterar.

Dizer como!!! Como é difícil ser dono de botequim, pensou Borô.

“Pois é, ela foi para o Havaí”. *E agora?*, pensou o Borô.

“HAVAÍ!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!” Jerry gritou tão alto que até um gari que estava muito distante na praia levantou a cabeça.

“Que filha da puta” *Por isso havia pedido mil dólares emprestados... Emprestados o cacete. Como você soube Borô?”*

“O Maneco do táxi levou eles para Guarulhos”. Borô pensou: agora vem a parte mais difícil.

“ELES??? Com quem ela foi?”

“Foi com o Loirão... Disputar um campeonato de surf...”

Campeonato de surf o cacete...Campeonato de foda!!!!Com o meu dinheiro.

Jerry ficou vários dias sem aparecer no Sibéria. Voltou alguns dias para seu apartamento na capital... Nem uma notícia de e-mail...*Nada, a bandida desapareceu mesmo... Está mesmo surfando nas ondas e nas camas de Honolulu...*

Mas a grande cidade não lhe oferecia mais nada, nem amigos e muito menos atrações. Em menos de um mês estava de volta à praia, para a alegria de Borô... Era sexta-feira. O Sibéria já fervilhava. Tarde de sol... Jerry senta no seu lugar de costume...

“O Borô, manda aquele tiro-curto, voltei só por causa dele...” *Uma mentira simpática sempre faz bem.*

“É isso aí dotô. A turma estava sentindo falta”.

Junto ao balcão havia uma florida e conversadeira turma de garotas....Muitas...Mais de quatro juntas pelo menos. Riam, conversavam... Todas nos alvares dos vinte e poucos anos...

“O Borô, quem são as moças? Carne nova no pedaço?”

“O dotô. Alegria né? Elas têm vindo todos os finais de semana. Trabalham para pesquisa de uma agência de alguma coisa com o pessoal da praia... Gente fina!!!”.

“E pesquisa de biquíni é muito melhor” Você já conhece todas?”

“Hi seu Jerry, sabe de dono de bar acaba sabendo tudo... Aquela loira lá, por exemplo, acabou de desmanchar o noivado, está morando aqui, nem volta para a capital durante a semana. Deve estar curtindo a fossa”. Boro sabia que apontava para a pessoa certa. Experiente demais o danado do caboclo.

“Hum... interessante”. Ela era do tipo mignon. Sorriso lindo, corpinho delicioso, escondido sob uma camiseta.

“Dotô! Eu falei que o senhor seria ótimo para a pesquisa!!!

“Que pesquisa?”

“Qualquer pesquisa, pô! Com uma loirinha dessa, você responde qualquer pesquisa! Pêra aí...”

O velho Borô se afasta, fala com o grupo de garotas e volta com a guria loiríssima...”Olha só menina, esse é o dotô que eu havia falado!!!!Dr. Jerry”.

A garota abre um sorriso lindo...”Ah! muito prazer, eu sou a Maria Adelaide! O senhor trabalha com mercado de capitais? Era justamente quem eu estava precisando para fechar uma pesquisa! Tem um tempinho para umas perguntas”.

“Eu sou Jerry! É como todo mundo me chama. Muito prazer!” *Jerry não conseguiu desviar o olhar dos dentes bem feitos, dos olhos azuis, os cabelos loiros bem cuidados, as pernas perfeitas, pequenas, torneadas....e os seios semi-escondidos, ajustados...lindos:*

“Pois é Adelaide! Por coincidência, você também é justamente quem EU estava precisando!!!! Também vou lhe fazer umas perguntas”.

Sobre o autor:

Sílvia de Salvo Venosa é professor e autor de várias obras de Direito Civil, consultor e parecerista na área.